

BOURDIEU, PIERRE. LA DOMINATION MASCULINE. PARIS: SEUIL, 1998. COLLECTION LIBER, DIRIGÉE PAR PIERRE BOURDIEU.(154 P).

Maria Arisnete Câmara de Morais¹

O livro de Pierre Bourdieu analisa, em três capítulos, a dominação masculina, trazendo importantes contribuições para uma temática que está longe de ser esgotada.

No capítulo I demonstra, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreensão, as estruturas históricas de ordem masculina, buscando estratégias práticas para efetuar a objetivação do sujeito de objetivação científica. Ou seja, estratégias que consistem em transformar um exercício de reflexão transcendental, as formas de classificação com as quais construímos o mundo, em uma espécie de laboratório. Trata-se da análise etnográfica das estruturas objetivas e das formas cognitivas de uma sociedade particular, (exótica e íntima, estranha e familiar como a da sociedade de Kabylie, na África) enquanto instrumento de um trabalho de sócio-análise do inconsciente androcêntrico, capaz de operar a objetivação das categorias desse inconsciente.

Os camponeses de Kabylie representam uma forma paradigmática da visão "falocêntrica" e da cosmologia androcêntrica, comuns a todas as sociedades mediterrâneas e que ainda hoje sobrevivem. Bourdieu, de um lado, justifica a sua escolha em virtude da tradição cultural nela mantida constituir um paradigma da tradição mediterrânea; de outro lado, porque o ar cultural europeu participa indiscutivelmente dessa tradição, conforme atesta a comparação dos rituais observados em Kabylie com os que foram recolhidos por Arnold Van Gennep, na França do início do século XX.

No universo da sociedade Kabylie, as diferenças sexuais são carregadas de determinações antropológicas e cosmológicas. A constituição da sexualidade, em si mesma, que encontra sua realização no erotismo, nos faz perder a direção da cosmologia sexualizada que se enraíza numa topologia sexual do corpo socializado, nos seus movimentos e deslocamentos imediatamente afetados de uma significação social: o movimento para cima associado, por exemplo, ao masculino.

A divisão entre os sexos parece estar “dentro da ordem das coisas,” como se diz algumas vezes para falar do que é normal: está presente em todo o mundo social, como esquemas de percepções de pensamento e de ação. Os usos públicos e ativos do corpo (olhar nos olhos, tomar a palavra publicamente) são monopólios dos homens. A mulher que em Kabylie se mantém a distância dos lugares públicos, deve renunciar a fazer uso do seu olhar: anda em público com os olhos baixos em direção aos pés e a única frase que lhe convém é “eu não sei”, antítese da fala viril que é a afirmação decisiva ao mesmo tempo que refletida e medida.

Utilizando o discutido conceito de violência simbólica, afirma que a prevalência universalmente reconhecida aos homens afirma-se na objetividade das estruturas sociais, fundadas sob a divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere ao homem a melhor parte. A violência simbólica se institui através da adesão, demonstrando que existem exemplos concretos onde se exerce essa violência, doce e muitas vezes invisível, lembrando, a esse respeito, a maestria dos escritos de Virgínia Woolf.

No capítulo II, registra que a descrição etnológica de um mundo social distanciada no tempo pode se prestar, mais facilmente, à objetivação inteiramente construída em torno da dominação

masculina. Essa descrição age como uma espécie de detector dos traços infinitesimais e dos fragmentos esparsos da visão androcêntrica do mundo, como o instrumento de uma arqueologia histórica do inconsciente que, originariamente construído, habita cada um de nós, homem ou mulher.

Referindo-se a autores como Marcel Mauss e Max Weber, demonstra que as potencialidades objetivas, que os agentes sociais descobrem a cada instante, são inscritas nas fisionomias do entorno familiar sob a forma de oposição entre o universo público, masculino e o mundo privado, feminino: entre a praça pública e a casa, entre os lugares destinados sobretudo aos homens (os bares e os clubes com seus móveis pesados, angulosos e de cores sombrias, remetendo a uma imagem de durabilidade e virilidade) e os espaços ditos femininos cujas cores singelas, os bibelôs, as rendas ou as fitas evocam a fragilidade e a frivolidade.

Não é exagero comparar a masculinidade à nobreza. Basta observar a lógica bem conhecida dos Kabylie que instaura uma dissimetria radical na evolução das atividades masculina e feminina. As mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis, quando elas são realizadas por homens ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis quando realizadas por mulheres. Lembra, a exemplo, a diferença que separa o cozinheiro da cozinheira, o costureiro da costureira.

Analisando a experiência masculina da dominação, Pierre Bourdieu reporta-se à Virgínia Woolf, principalmente ao seu livro *La promenade au phare*, no qual se percebe uma evocação incomparavelmente lúcida do olhar feminino da visão masculina. Através dos diálogos entre Mr e Mrs Ramsay, essas percepções se explicitam.

Inicia o capítulo III reportando-se à Virgínia Woolf, e ao refinamento da sua escritura, para analisar as formas de dominação que se inscrevem em toda a ordem social e opera na obscuridade dos corpos. Para ele, é necessário recorrer à autora do clássico *A room of one's own* (Um teto todo seu na versão brasileira publicada pela Nova Fronteira), para conferir credibilidade aos apelos contínuos e dissimulados na relação de dominação sexual. O mesmo esquema classificatório encontra-se, em essência, para além dos séculos, nos dois extremos de espaço de possibilidades antropológica, entre os camponeses de Kabylie e entre os grandes burgueses ingleses de Bloomsbury.

Para o autor, é fundamental reconstruir a história do trabalho histórico de deshistoricização: a (re) criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina. O verdadeiro objeto de estudo das relações entre sexos é a história das combinações sucessivas de mecanismos estruturais e de estratégias que, através das instituições e dos agentes singulares, perpetuam a estrutura das relações de dominação entre os sexos.

Uma das mudanças mais importantes na condição da mulher é, sem sombra de dúvida, a argumentação do acesso das jovens ao ensino secundário e superior que, em relação com as transformações das estruturas produtivas, impulsiona modificações importantes da posição da mulher: na divisão do trabalho. As mudanças na condição feminina obedecem, sempre, à lógica do modelo tradicional da divisão entre o masculino e o feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e o campo do poder, enquanto que as mulheres são destinadas ao espaço privado (doméstico, lugar de reprodução) onde se perpetua a lógica da economia dos bens simbólicos, ou certas espécies de serviços sociais e educativos, ou ainda os universos de produção simbólica, a exemplo do campo literário, artístico ou jornalístico.

O livro de Pierre Bourdieu, publicado em setembro de 1998, pelo próprio nome do autor já é uma referência de leitura, considerando o vasto caminho percorrido por esse antropólogo e sociólogo francês. Professor no Collège de France e diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, é um dos pensadores franceses mais lidos no exterior. A seriedade com que trata o tema, conforme ele explicita que não teria enfrentado um assunto tão difícil se não estivesse respaldado pela lógica de sua pesquisa, faz desse livro uma leitura obrigatória, para pesquisadores e pesquisadoras que buscam a compreensão das estruturas históricas de ordem masculina.

NOTA

¹UFRN/Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas/SP e Pós-Doutoranda na École des Hautes Études En Sciences Sociales/Paris, sob a direção de Roger Chartier.